

**MENINO DE ENGENHO, USINA E FOGO MORTO:  
Uma proposta de trilogia para os romances de José Lins do Rêgo**

Mariana Duarte (UCS - UniRitter)

A presente comunicação tem como objetivo referenciar as obras ficcionais de José Lins do Rêgo: *Menino de Engenho* (1932), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943) como uma proposta de trilogia a partir história econômica do Brasil. O ciclo da cana-de-açúcar foi um dos importantes ciclos econômicos brasileiros. Baseados nessa importância econômica, diferentemente das três obras tradicionalmente tratadas pela crítica literária: *Menino de engenho*, *Doidinho* (1933) e *Bangüê* (1934), buscamos enfatizar a contribuição da História Econômica Social e da metodologia interdisciplinar que permite aos historiadores uma leitura socioeconômica do trabalho, formação social e poder na região açucareira.

Tendo em vista que a função social da literatura é demonstrada a partir do narrador e das vozes das personagens, a trilogia permite uma leitura social e crítica em dois sentidos. O primeiro como fonte de pesquisa da década de 30, marcada por diversas transformações que se refletiram nas oligarquias econômicas. E um segundo sentido que demonstra como as narrativas são para o historiador um rico material para análise das leituras sociais enunciadas através das vozes do narrador e personagem.

As formas que o homem busca para expressar suas histórias, seus interesses, suas inquietações e seus sentimentos são inúmeras, incluindo a vontade de um grupo de pessoas em narrar à história do local ou do ambiente que considera seu. Obras literárias não justificam discursos históricos, mas apontam possibilidades de serem analisadas como leitura social a partir da observação de seu enredo e do contexto nos quais foram publicadas. Desse modo, pode-se entender que a leitura de um texto literário não reconduz apenas as tensões sociais, os aspectos econômicos e as relações de poder, mas reconduz também aos discursos produzidos por uma cultura, valiosos registros para o historiador.

Rever o contexto cultural das décadas em que as obras ficcionais foram escritas e publicadas contribui para a análise das questões sociais apresentadas como ficção. Para isso, apropriamo-nos dos pressupostos apresentados por Velozo e Madeira (1999), nos quais as autoras discorrem acerca do sentimento de pertencimento e identificação com a nação que surge com a Independência do Brasil. Para as autoras, os intelectuais da época se incumbiram da missão de organizar a sociedade, lançando-se, para isso, em trabalhos concretos e criando um grande conjunto de instituições culturais.

A partir desse momento, seria possível considerar a sociedade brasileira partindo das categorias de cultura e de História, baseadas em critérios universalistas, em oposição às ideias de raça, natureza ou geografia e sua influência sobre a população. Nesse preciso estudo, José Lins do Rêgo é analisado como um dos intelectuais preocupados em explicar as questões sociais de seu tempo. Ainda sobre o mesmo tema Sodré (1987) aponta que as mudanças ocorridas no Brasil nos anos 30 são acentuadas em toda a estrutura nacional, inclusive na cultura e, como consequência, no campo das Letras, sendo que este período configura-se como uma fase de intensa agitação política e de ideias. O regionalismo, neste período, dá continuidade ao projeto político-literário dos modernistas dos anos 20, valendo-se da Literatura regionalista para mostrar os problemas e as desigualdades sociais do Brasil.

O autor José Lins do Rêgo enfatiza o uso da linguagem coloquial e popular. O romancista nordestino é influenciado pelo antropólogo pernambucano Gilberto Freyre, e chega a relatar que sua vida nunca mais foi a mesma após conhecer a obra de Freyre: “De lá pra cá foram outras as minhas preocupações, [...] os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos” (RÊGO, 1936). Ele escreve e publica seus primeiros três romances, entre 1932 e 1934: *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*, considerados pela crítica literária como a trilogia de romances que representa o ciclo da economia da cana de açúcar no Nordeste do Brasil. O próprio romancista conta que a história desses livros iniciou com sua vontade de escrever algumas memórias não apenas suas, mas sim memórias comuns a todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Querendo narrar um pedaço de sua vida na infância, não seria estranho que outros meninos da vida real se assemelhassem aos seus personagens.

Para essa pesquisa foram escolhidas também três obras do romancista nordestino José Lins do Rêgo: *Menino de Engenho* (1932), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943) – obras conhecidas também por fazerem parte do “ciclo da cana de açúcar”. Entre os temas dispostos nas ficções estão: o trabalho escravo, o engenho, a usina (que representa a industrialização) e o trabalho livre. Estas obras foram eleitas por assinalarem um marco histórico, caracterizando economicamente o conceito de região no Nordeste. A seguir, proveremos um breve resumo do enredo de cada obra:

– *Menino de Engenho*: Carlos Melo, mais conhecido como Carlinhos, é o personagem principal e também narrador, contando a sua infância vivida no Engenho Santa Rosa. Este menino vivencia a morte da mãe, assassinada pelo próprio pai, que é enviado a um hospício. Assim, Carlinhos passa a viver no engenho Santa Rosa, propriedade do Coronel José Paulino, seu avô materno. Passa a infância na companhia de uma tia, que irá fazer o papel da mãe ausente, e também junto a seus

primos. Morando no engenho, Carlinhos presencia as desigualdades sociais entre os senhores de engenho e os seus empregados. Por conta de suas atitudes demasiado travessas, ao mesmo tempo em que sua adolescência inicia, a saída encontrada pela família para endireitá-lo é enviá-lo a um colégio interno na cidade aos 12 anos.

– *Usina*: Neste romance, José Lins do Rêgo descreve a vida nos engenhos de cana de açúcar e nos canaviais do nordeste. Na segunda parte do livro, há o desenvolvimento do enredo na usina, quando os acontecimentos envolvem o Engenho Santa Rosa, antiga propriedade do Coronel José Paulino, após a fuga de Carlos Melo em decorrência da incapacidade de administrá-lo, deixando, assim, seu patrimônio para parentes. O Engenho Santa Rosa se transforma na Usina Bom Jesus.

– *Fogo Morto*: O título da obra faz referência à expressão dada quando o engenho não mói mais. Considerada a última obra do “ciclo da cana de açúcar”, mostra a decadência dos engenhos no nordeste brasileiro: os personagens centrais estão envolvidos em um cenário de miséria, no qual a política defende as minorias fortes. As ações narradas acontecem no Engenho do Santa Fé.

A análise dos romances no sentido de propor um novo pensamento sobre a trilogia da cana de açúcar no Nordeste brasileiro. Esta se inicia com as impressões do autor sobre o engenho e seus personagens (escravos libertos e senhores), passando pela sua ascensão e, por fim, pela decadência – com a industrialização – demonstrando, assim, um ciclo na História: começo, meio e final de um período.

Diversos pesquisadores atribuem a terminologia “trilogia da cana de açúcar” às obras de José Lins do Rêgo pelas questões socioeconômicas da produção açucareira, fato histórico responsável e inspirador para a produção ficcional do autor. A trilogia inicia com a obra *Menino de Engenho*, não apenas por ser a primeira do ficcionista estudado, mas também por poder ser verificada como um plano de trabalho intelectual que dá margem para a elaboração das demais ficções que tratam do mesmo tema. A narrativa elenca personagens e questões sociais que aparecerão nas obras que trazem o ciclo da cana de açúcar no nordeste do Brasil, incluindo as escolhidas para o corpus desta pesquisa.

Os engenhos de açúcar têm seu período de intensa produção, geração de renda e alto valor econômico a partir dos anos 1800. Após cerca de dois séculos de grandes lucros, com o surgimento das usinas, os engenhos vão deixando de “botar”, ou seja, de moer a cana para a fabricação do açúcar, tornando-se engenhos de “fogo morto”, que apenas servem para vender a matéria-prima às usinas. As usinas são introduzidas ao setor da economia nordestina brasileira por volta da década de 1930, concomitantemente ao processo de industrialização do país proposto pelo então

presidente Getúlio Vargas. É também na primeira metade da década de 30 que José Lins do Rêgo publica sua primeira obra, *Menino de Engenho*, em 1932.

Se considerarmos a análise dos historiadores sobre a estrutura e a vida dos engenhos, este estudo terá início com a investigação da formação dos engenhos. No corpus, estes aspectos estão presentes na primeira publicação de José Lins do Rêgo, de 1932, *Menino de Engenho*, assim como em *Fogo Morto*, de 1943. Em seguida, na sequência cronológica dos fatos, historiadores e economistas investigam a forma na qual o projeto de industrialização afetaria os engenhos de cana de açúcar, o que será aqui verificado conforme a leitura do romance *Usina*, de 1936.

A história econômica açucareira do Brasil Colônia até os anos 1930 está caracterizada pela sua implantação e seu desenvolvimento ininterrupto. Esta atividade monocultora era favorecida pela liberdade de produção, pelo estímulo e pela proteção oficial da metrópole Portugal. Para Azevedo (1990), a economia do açúcar já nasce com certo porte, pois o Brasil era colônia de um dos grandes importadores de açúcar da Europa.

A produção açucareira também viria a ser beneficiada pelo ideal português de aproveitamento das terras brasileiras, a fim não apenas de ocupá-las, mas de explorá-las, ação esta que corresponde à função histórica da colônia, voltada ao enriquecimento da metrópole. Azevedo acrescenta ainda que eram tamanhas as despesas de instalação de um engenho em uma terra recém-descoberta e considerada hostil, que se exigiam então instalações portuárias e defensivas, e não fazia sentido realizar a construção de engenhos pequenos. No Brasil, até os primeiros engenhos que surgiram apresentavam maior suntuosidade diante dos espaços de outras produções monocultoras. Já nas obras que figuram nos romances, poderemos verificar que não é diferente nos engenhos dos personagens de José Paulino, em *Menino de Engenho*, e de Seu Lula, em *Fogo Morto*.

Segundo Azevedo (1990), o sucesso da produção açucareira no século XVI está ligado a diversos fatores. O primeiro vem a ser o monopólio de Portugal sobre a produção e comercialização de produtos tropicais para o mercado europeu. Somado a este aspecto está o empenho do país português em defender suas terras conquistadas na América, por isso promove a agricultura com a distribuição de terras e isenção de impostos.

Podemos considerar que foi esta importância econômica para a região e para o país, além da vontade de retratar estes trabalhadores de engenho por meio da literatura, que viriam a dar margem para o tema das primeiras obras de José Lins do Rêgo. Mesmo que publicadas nos anos 1930, a história dos engenhos havia iniciado quatro séculos antes.

Quando analisamos, por meio da história, o que é apresentado nas tramas ficcionais, como em *Fogo Morto* (1943) ao descrever o nascimento de um engenho, é preciso que retornar aos estudos sobre os séculos anteriores ao século XX. Furtado (2001) escreve que a indústria açucareira, no decênio que antecedeu a abolição da escravatura, passou por importantes transformações tecnológicas, como a modernização do maquinário para a moenda, além de se beneficiar de inversões de capital estrangeiro. Uma série de transformações ocorreu para que, enfim, os engenhos ganhassem a configuração física analisada por Esterzilda Azevedo (1990). Estes terão o mesmo modelo de engenho presente nos romances de José Lins do Rêgo. O menino Carlinhos é levado para conhecer a moenda do engenho e descreve:

Ficava a fábrica bem perto da casa grande. Um enorme edifício de telhado baixo, com quatro biqueiras e um bueiro branco, a boca cortada em diagonal. Não sei por que os meninos gostam tanto das máquinas. Minha atenção foi inteira para o mecanismo do engenho. Não reparei em mais nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras. Tio Juca começou a me mostrar como se fazia o açúcar. O mestre Cândido com uma cuia de água de cal deitando nas tachas e as tachas fervendo, o cocho com o caldo frio e uma fumaça cheirosa entrando pela boca da gente. (RÊGO, 1981: 12)

Com essa citação encontramos a descrição da produção do açúcar branco, fazendo com que o leitor compreenda o processo de refinação e conheça as pessoas que trabalhavam nestes lugares, próximas às máquinas, que são os escravos libertos e seus descendentes: “um preto, com as mãos metidas na lama suja, cobria a boca das formas” (1981: 12).

Já, a importância do valor financeiro dos engenhos é verificada em diferentes momentos nas obras de José Lins do Rêgo que compõem o denominado ciclo da cana de açúcar. Pela descrição de um engenho feita pelo jovem personagem Carlos de Melo, identificamos um ambiente em ascensão e de riqueza, no qual o senhor de engenho tem em suas mãos os poderes sobre seu espaço, sobre sua família, sobre seus empregados, além de um grandioso poder econômico. Segundo o historiador Argemiro Brum (2003), o açúcar tornou-se o produto de maior valor em nível de comércio mundial desde o final do século XVI.

Dentre todos os edifícios, estava a moradia dos senhores de engenho e suas famílias, a casa-grande:

É uma vasta e sólida mansão térrea ou em sobrado; distingue-se pelo seu estilo arquitetônico sóbrio, mas imponente, que ainda hoje empresta majestade à paisagem rural, nas velhas fazendas de açúcar que a preservaram. Constituíam o centro de

irradiação de toda a atividade econômica e social da propriedade. A casa-grande completava-se com a capela, onde se realizavam os ofícios e as cerimônias religiosas. (FENELON, 1974: 37)

Próximo à casa-grande também estava a antiga morada dos escravos, a senzala, ambiente onde alguns escravos libertos e seus descendentes permaneceram mesmo após a abolição: “[...] Próximo se erguia a senzala, habitação dos escravos, os quais, nos grandes engenhos, podiam alcançar algumas centenas de ‘peças’. Pouco mais além serpenteava o rio, traçando através da floresta uma via de comunicação vital”. (FENELON, 1974: 37).

O engenho abrigava todas as instalações necessárias para o preparo do açúcar. Muitas vezes essa atividade era repartida em várias construções, algumas isoladas, outras contínuas, mas cada uma delas destinada a um ou mais conjuntos de aparelhamentos – de acordo com as funções a que se destinavam. No eito permaneciam tambores movidos à água ou à força animal para extrair o suco da cana. São nessas configurações que estão dispostos os engenhos de cana de açúcar presentes nas obras Menino de Engenho e também em Fogo Morto.

Em Menino de Engenho, Carlinhos relembra os passeios aos outros engenhos, uma atividade a qual fazia sempre cheio de alegria, de todo o coração. (1932: 62) O menino também se impressionava com a grandiosidade de tudo o que via, não apenas dentro das terras do avô:

O senhor de engenho de lá, um primo do meu avô, o Coronel Lola, morrera deixando um palácio para os seus. Era a melhor casa de morada da ribeira do Paraíba. Tinha água encanada até na horta. E banheiro de torneira para os criados. O engenho bem tratado, com um sobradinho de varanda para se olhar o serviço. O dia que passávamos ali anoitecia depressa. Em cima do sobrado um corta-vento puxava água para os tanques de serventia. Para mim, aquele ruído do moinho, o batuque compassado dos canos, parecia uma música. (1932: 65)

Na leitura do romance de Rêgo, é possível perceber que o declínio não estava ligado apenas aos conflitos pessoais entre senhores e herdeiros; algo maior que isso se aproximava e não poderia ser contido apenas com a vontade de manter-se no poder. A usina também chegaria para alterar os caminhos da sociedade, já que a posição do usineiro era distinta da do senhor ou do capitão de engenho. O senhor de engenho controlava a sua propriedade, a produção e seus funcionários de muito perto, sua casa situava-se ao lado da moenda e ali estava toda a sua família, vivenciando praticamente tudo o que ocorria. Já o usineiro passaria o maior tempo na cidade grande, onde estava com sua família grande parte do ano.

Tempos de amplas mudanças chegariam com o projeto de industrialização da década de 30.

O livro *Usina* representa, na obra de José Lins do Rêgo, a conclusão do panorama econômico iniciado em *Menino de Engenho*. Em *Usina* é descrita a primeira fase do desaparecimento dos engenhos de açúcar tradicionais. Acompanhada pela tensão desta mudança, está a sua substituição pela usina. Os engenhos que não estavam aptos a aumentar a sua produtividade de modo compensador acabaram fechando ou sendo adquiridos por concorrentes mais ricos. Algumas indústrias chegaram a absorver cerca de 40 engenhos, provocando grandes mudanças sociais e deslocamento da população.

Também na análise do romance *Usina*, encontramos o sofrimento de outro negro, que, além das dificuldades impostas pela sociedade, como a escravidão, agora sofria também com a idade avançada:

Diziam que, depois do negro Manuel Pereira, ninguém, na Ribeira, era mais velho do que ele. Vivia se arrastando, magro, alto, de carapinha embranquecida, mas falando, batendo a língua como um chocalho. A usina sacudira o podre da várzea para a caatinga, arrancando-lhe o ninho que ele fizera, com seus cacarecos, os seus troços. A sua casa da várzea não seria melhor do que a outra, onde hoje morava. (RÊGO, 1985: 162)

A respeito da relação entre a História e a Literatura, a historiadora Sandra Pesavento assevera:

[Mas se] o historiador, na sua busca de construção de um conhecimento sobre o mundo, quer resgatar as sensibilidades de uma outra época, a maneira como os homens representavam a si próprios e à realidade, como não recorrer ao texto literário, que lhe poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo?

E, no caso da literatura, como pode deixar de se voltar, também, para o resgate da narrativa histórica que, reconstruindo o jeito intelectual, revelando com isso a historização das formas de uma escritura que busca dar ordem ao mundo?

Parece que as duas narrativas se empenham nesse esforço de capturar a vida, re-apresentar o real e, mesmo que as suas estratégias de argumentação possam diferir, um diálogo ou um cruzamento de olhares entre os domínios das duas musas pode ser, além de gratificante, esclarecedor. (2000: 7-8)

Foi possível perceber, através do estudo bibliográfico aqui realizado, que os dois tipos de narrativa resgataram eventos da vida social e econômica da região analisada. Nas obras literárias de José Lins do Rêgo, foram captados sentimentos dos

personagens, posturas e emoções daquele período, o que não está no referencial teórico, que narrou as mesmas questões sociais e econômicas embasado em documentos e pesquisas científicas.

As produções literárias escolhidas para a análise nesta pesquisa tiveram como objetivo principal demonstrar como o romancista reconduziu parte da história da economia do nordeste do país que influenciou diretamente a formação social daquela região. Foi possível refletir sobre a forma com a qual José Lins do Rêgo reconduziu aspectos do modo como as transformações econômicas influenciaram sociedade, etnia e culturas do período estudado. Também é importante ressaltar que a escolha das produções literárias condiz com a proposta de trilogia indicada neste trabalho, diferente da já conhecida e descrita por outros pesquisadores.

O trabalho de pesquisa não se encerra nesta conclusão. As ideias aqui expostas surgiram a partir das questões propostas para a pesquisa, fazendo com que, no decorrer da reflexão, demais perspectivas de análise se fizessem presentes. A investigação de *Menino de engenho*, *Usina* e *Fogo Morto* permitiu visualizar um panorama sobre a economia açucareira da região Nordeste, a fundação e os anos de ouro dos engenhos, a decadência e a chegada do projeto de industrialização no país junto às suas consequências.

Os três livros analisados para esta comunicação dariam conta de um estudo sobre parte importante da história econômica do país. Ressaltamos que não será nosso objeto de estudo debater contra a crítica literária, mas sim evidenciar essa proposta de trilogia como uma nova perspectiva de análise tomando a literatura como fonte de pesquisa para a leitura social da década de 30.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. *Arquitetura do açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BRUM, Argemiro J. *O desenvolvimento econômico brasileiro*. 23. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

FENELON, Dea Ribeiro. *50 textos de história do Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1974.



FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 30. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jathay (org). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RÊGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Edição especial para o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *Menino de Engenho*. 30. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

\_\_\_\_\_. *Usina*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história do Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.